

Historiografia e Religião

Eduardo Basto de Albuquerque
Livre Docente em História
UNESP – Assis
eb.albuquerque@uol.com.br

Resumo:

Examina as abordagens da religião realizada pelo campo de saber histórico. Percorre a historiografia tradicional da religião e identifica suas vertentes. Demonstra a fratura dessa historiografia realizada pelos recortes temáticos experimentados pelas correntes historiográficas como a dos *Annales* e da História Nova. Conclui pelo exame das perspectivas atuais da história cultural e a do imaginário quanto à religião.
Palavras-chave: História e religiões - História das Religiões.

Abstracts:

This article examines the views of the religion accomplished by the field of knowing historical. It travels the traditional historiography of the religion and it identifies its slopes. It demonstrates the fracture of that historiography accomplished by the thematic cuttings tried by the historiography average as the one of *Annales* and of the New History. It ends for the exam of the current perspectives of the cultural history and the one of the imaginary with relationship to the religion.
Keywords: History and religions - History of Religions.

Introdução

Este artigo pretende apresentar algumas das questões das complexas relações entre História e Religião que nos últimos duzentos anos viram a constituição, a fama e o ocaso da disciplina História das Religiões que almejava interpretar estas relações.

Predominaram no século XIX as ideologias evolucionistas e naturalistas que discutiram qual era o lugar de cada religião numa escala ascendente composta por etapas a serem superadas. A nomenclatura das diversas correntes interpretativas variava, mas envolvia o animismo, o naturalismo, o politeísmo e o monoteísmo. O embate previa também o fim do monoteísmo e o triunfo da razão com a crescente secularização, o predomínio do ateísmo militante e a vitória do anti-clericalismo.

Inseridas dentro neste amplo conjunto de concepções, as ciências históricas ficaram marcadas por duas posturas fundamentais e, por vezes, opostas. A primeira considerava legítima a pesquisa histórica fundada em documentos que comprovassem todo raciocínio e toda conclusão obtida pelo historiador. A segunda postura é a que tentava abstrair os dados empíricos, às vezes sem ignorá-los, e buscava alcançar alguns resultados que não estavam explícitos neles. Ao mesmo tempo, no panorama intelectual havia a compreensão que o processo histórico era complexo e necessitaria, para sua maior compreensão, de abordagens ancoradas em alguma atitude inaugural, como a sociológica, a antropológica, a econômica, a psicológica, entre outras e onde diminuísse o privilégio do evento político e dos indivíduos, predominante no pensamento historiográfico.

A historiografia tradicional das religiões

As questões teóricas e metodológicas pensadas sobre Religião e História no século XIX compunham a historiografia tradicional, e tratou a religião de três maneiras fundamentais.

1ª) A primeira maneira é a que se convencionou ser a História das Religiões. Identificamos, nos inícios do século XX, dois grandes modelos de História das Religiões: um almejando a confirmação de crenças que os dados históricos pudessem trazer para o cristianismo e o outro, afirmando que ela ajudaria no desaparecimento da religião que ocorreria fatalmente com a expansão do progresso da ciência e da indústria.

O primeiro modelo detectava para os estudiosos os "defeitos" e a "correção" da disciplina e mapeava seus fundamentos. A argumentação exemplar é identificada é que a História das Religiões se basearia em três princípios: 1º Propugnaria a idéia que uma força divina produziria resultados difusos no mundo e na humanidade, conduzindo tudo para

outro estado ou fim ético. 2º Tal força, através da “evolução”, conduziria o menos para o mais, o baixo subiria para o alto, o simples se tornaria complexo. 3º Conseqüentemente, todas as religiões e todas as formas de sentimento religioso se encaminhariam para ascensão crescente ¹.

Uma das questões importantes da historiografia tradicional era a sua preocupação com as origens das instituições e das crenças da humanidade. Buscar a origem da religião era um anseio dos partidários evolucionistas do método comparativo. Pensadores como Troeltsch, Von Harnack, Loisy, Blondel, entre outros, cada um à sua maneira e tendo como base um projeto diferente, procuraram transformar o método histórico em veículo para estabelecer a verdade do cristianismo ².

Salomão Reinach ³ representa o segundo modelo de abordagem da História das Religiões, no início do século vinte. Para ele, a história da humanidade se caracterizaria pela laicização progressiva a ser realizada.

Ambos os modelos tinham em comum construções grandiosas que não são mais correntes entre os estudiosos da História das Religiões. O gênero História das Religiões sobrevive com alguns pressupostos mais modestos e poucas renovações, sem as ousadias dos cem anos anteriores. A comparação é hoje discretamente utilizada. Possivelmente, o setor com maiores renovações seja o das religiões orientais, pois num campo estacionado por décadas, foram aplicadas reflexões geradas em outros lugares da historiografia.

A publicação de obras voltadas para a História das Religiões à moda das antigas Histórias Gerais, popularizou o gênero hoje. Citemos somente dois: *Uma História de Deus*

¹ HUBY, José (org.). **Christus: história das religiões**. São Paulo: Saraiva, 1956, vol. 1, p.59.

² ROSA, Guglielmo Forini. Mythe et science dans la philosophie de la religion de l'âge moderne. In **Revue de l'Histoire des Religions**. Paris : 2003, 220 / 2.

³ REINACH, Salomon. **Orpheus: Histoire générale des religions**. Paris : Librairie d'Éducation Nationale, 1930.

de Karen Armstrong⁴ e o *Livro das Religiões* de Jostein Gaarder e outros⁵. Outros manuais poderiam ainda ser relacionados, inclusive aqueles mais militantes na defesa de uma posição política ou religiosa. Note-se que tais manuais gerais da História das Religiões se situam na historiografia tradicional, com poucas incursões comparativas e se distanciando das abordagens renovadas da historiografia feita pelos historiadores.

2ª) A segunda maneira de tratamento da religião pela historiografia tradicional seria através da história dos países, onde ela é considerada como fazendo parte da história das instituições e das relações com os Estados.

3ª) A terceira maneira de tratamento das religiões na historiografia tradicional é através do gênero milenar História da Igreja. Desde os anos vinte foi reconhecido, por alguns historiadores eclesiásticos, que a História da Igreja se concentrava nos grandes personagens, nos dogmas, nas instituições, nas estruturas, na hierarquia, na santidade canonizada e nas teologias oficiais, com ênfase em suas relações com os governos, deixando de lado movimentos de idéias, descrição de práticas e piedades populares, atividades missionárias etc. A particularidade da História da Igreja é defendida por Joseph Lortz que a encara como participante da Teologia, meio pedagógico para a conscientização da fé católica, através de personalidades que vivem a espiritualidade.⁶

A renovação historiográfica: os *Annales*.

Voltada para si própria, a historiografia tradicional se valia de conceitos poucos elaborados para explicar o processo histórico. Desde os anos vinte, surgiram novas preocupações historiográficas, fecundadas pela proximidade intelectual com a economia, a

⁴ ARMSTRONG, K. **Uma história de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

⁵ GAARDER, J. e outros. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

⁶ LORTZ, Joseph. **Histoire de l'Église**. Paris: Payot, 1962, p.6.

demografia, a psicologia, a antropologia e a sociologia, e a religião passou a ser tratada outro de modo pelos historiadores. O veículo mais expressivo é revista *Annales*, resposta aos desafios intelectuais colocados pelos contatos interdisciplinares para a compreensão histórica⁷.

Exemplo desta nova abordagem é o livro *Os Reis Taumaturgos*⁸ que aproxima história, antropologia e sociologia para abordar os ritos de cura e as lendas formadora do maravilhoso monárquico dos reis da França e da Inglaterra. Tais elementos, para Bloch, têm um sentido e ligação com a “consciência coletiva”. O poder miraculoso atribuído aos reis estava inserido dentro de um outro contexto: a própria crença nos milagres, e sua manipulação a favor da realeza. Esta realeza santa dominava a consciência popular e foi utilizada e explorada por políticos hábeis, que por sua vez, compartilhavam dessas crenças comuns.

A Nova História

Com as obras de Marc Bloch e Lucien Febvre, a noção de mentalidade se tornou desafiadora na historiografia até meados dos anos noventa. Os volumes da coleção *História: novos objetos, novas problemáticas, novas abordagens*, publicada nos anos 70, ampliaram a difusão destas novas preocupações historiográficas. O artigo de Dominique Julia que trata das relações entre mentalidade e religião, já indicava a diferença entre a Nova História e a antiga História das Religiões. Após mapear e inventariar o campo, este autor considera que a religião é explicável pela organização social, e constituiria

⁷ BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da Historiografia: A Escola dos Annales (1929-1989)*. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

⁸ BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio: França e Inglaterra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

representação destituída de privilégio da verdade como outros produtos culturais.⁹ Seja a piedade, a teologia ou o clero, ensinam ao pesquisador sobre a condição social de um dado momento histórico. Para Julia, a nova historiografia deve realizar a crítica da permanência de concepções teológicas na historiografia¹⁰.

Outro exemplo da ótica da Nova História é a do historiador Jean Delumeau quando trata de aspectos da religiosidade católica em *A confissão e o perdão*. Nela, aponta que no decorrer de suas pesquisas sobre o sentimento de segurança no Ocidente, durante os séculos XIV a XVIII, surgiram textos relativos à confissão. A Igreja Romana confortava os fiéis com o "perdão divino" mas lhes exigia uma confissão explícita. Isto gerou uma boa quantidade de discursos normativos, indicando para os padres como confessar os fiéis e para os fiéis como se confessarem. Delumeau brilhantemente vai além da sua documentação explícita e indaga: "Mas, num plano bem diverso, será que se destacou suficientemente até o presente o quanto os "conselhos dos confessores" fizeram progredir na psicologia coletiva a imagem "moderna" do pai? Em sua quase unanimidade, com efeito, eles pedem que os confessores sejam "pais" para os pecadores que acolhem. Ora, "pai", nesse tipo de discurso, está sempre associado a ternura e perdão. Há aí uma contribuição decisiva à modificação da imagem paterna, que, acrescentada à promoção de São José na época clássica, merece ser sublinhada numa história das mentalidades"¹¹. Delumeau, assim, se distancia da historiografia tradicional e percebe que a confissão ultrapassava as fronteiras do confessionário e a dimensão de como a religião se ancorava no cotidiano familiar e social. Os exemplos poderiam ser multiplicados, com as obras de

⁹ JULIA, Dominique. História religiosa. In LE GOFF, J. (org.). **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 108.

¹⁰ Idem, p. 121.

¹¹ DELUMEAU, Jean. **A confissão e o pecado**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 10.

Jacques Le Goff, George Duby, Keith Thomas, E. Le Roy Ladurie, Michel Vovelle, entre tantos outros.

Desafios e possibilidades

Os itinerários da História das Religiões ou as várias possibilidades do tratamento histórico do fenômeno religioso, encontram guarida na produção atual.

Tanto os *Annales* quanto a História Nova inovaram de dois modos o tratamento da religião. Primeiramente, no tocante à noção de tempo que contrastava com a noção de temporalidade das abordagens anteriores da historiografia tradicional, mais circunscritas a um tempo breve e bem curto.

A segunda inovação foi refazer as dimensões do objeto em cada pesquisa sobre a religião, por considerá-la constituída por múltiplas facetas construídas social e historicamente. As categorias de classificação da religião foram repensadas e se enfatizou sua ligação com temas como o amor, a mulher, a criança, a família, a morte etc. Frente aos enfoques tradicionais, a religião deixou de estar isolada dos outros campos de saber e perdeu nitidez, mas ganhou em complexidade, porque novas relações históricas vieram à tona. Tais abordagens, até meados dos anos noventa, eram caracterizadas pela palavra mentalidade, que deixou de ser freqüente na historiografia, cedendo o lugar para "cultura" e "imaginário".

Nos últimos cem anos, o território dos estudos históricos ganhou dimensões mais ampliadas. A possibilidade de multiplicidade de abordagens lançou desafios para a análise das religiões. Por vezes, se buscou focar a religião em conexão com as estruturas sociais. Em outras, isto pouco importou, embora presente de maneira implícita. Alguns estudos buscam abordar a religião num contexto maior. Outros trabalham um aspecto como a

morte¹², a feitiçaria¹³ ou o medo¹⁴, entre tantos outros, constituindo o que é chamado, impropriamente, de "o fracionamento do objeto". De qualquer modo, já não predomina a historiografia de grandes personagens, batalhas, datas e crenças em combate. Os pesquisadores se preocupam com o coletivo e com os indivíduos fazendo parte de uma coletividade. A abordagem das crenças mudou, saindo da dicotomia ortodoxia e heresia e, agora, os historiadores querem saber acerca da interiorização das atitudes perante situações como a morte e o medo. Não lhes é mais suficiente explicá-las pela "influência", como antigamente. Falam de estruturas. Uns ousam mais, e buscam tais estruturas no inconsciente, individual ou coletivo. Outros preferem explicá-las na correlação com o social e o econômico. Neste vaivém, a religião perdeu seus privilégios e é abordada sempre em conexão com algum outro campo.

Atualmente as abordagens históricas da religião se ancoram, de um lado, na história cultural e, de outro, na história do imaginário. Tanto uma como outra, fundadas em noções ambíguas: a história do imaginário contempla tanto as imagens quanto a fantasia; a história cultural é tomada como sinônimo das altas produções de sentimentos estéticos e, também, de qualquer transformação que o homem realize na natureza e suas criações espirituais, constituindo um mundo próprio, o da cultura. Uma obra ilustra estas novas perspectivas, *A colonização do imaginário*, de Serge Gruzinski que desloca a visão eurocêntrica sobre a conquista mexicana: não busca nem uma apologia militar, nem a visão heróica dos vencidos, nem a construção de sociedades européias na América, ou sociedades indígenas destruídas. Trata de “ver” os atritos e as interfaces na construção de mundos se valendo,

¹² ÁRIES, P. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. VOVELLE, M. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

¹³ GINZBURG, C. **Os andarilhos do bem**. São Paulo: Companhia das Letras 1988. THOMAS, K. **Religião e o declínio da magia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. MANDROU, R. **Magistrados e feitiçeiros na França do século XVII**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

¹⁴ DELUMEAU, J. **História do medo no ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

para isto, de muitos instrumentos disponíveis das Ciências Humanas. É exemplar a análise dos sonhos de indígenas que empreende, pois desafia a encará-los como processo de interiorização de novas situações sociais e religiosas e como re-atualizações de universos culturais (a antiga iniciação xamânica re-expressando a re-inserção individual). Gruzinski não apresenta uma narrativa homogênea, mas pontilhada por várias expectativas surgidas pelo diálogo das fontes com reflexões teóricas de leituras sobre o significado possível de ser alcançado pelas Ciências Humanas, sem preocupações fronteiriças disciplinares.¹⁵

Com a criação da universidade, a partir da década de 30, a história passou a ser um campo onde cada vez mais predominam profissionais, mas a principal área de estudos continuou mantendo fidelidade com a preocupação das relações entre Estado e Igreja.

Seria preciso um outro lugar para examinar a produção brasileira dos historiadores voltada para a religião. Antropólogos e sociólogos, em várias oportunidades, realizaram balanços sobre seus estudos sobre as religiões. Os historiadores estão ausentes nestas recensões. Ademais, ao elaborarem o mapeamento do próprio campo, os historiadores silenciam sobre a religião, a história da Igreja e da religiosidade popular, apesar de comparecerem, nestes levantamentos, temáticas renovadas na historiografia¹⁶.

Incorrendo em riscos de superficialidade, poderia apontar que a produção brasileira se caracteriza pelos mesmos desafios e possibilidades que o campo internacional coloca: a historiografia tradicional questionada e experiências com multiplicidades de abordagens. Desde os inícios do século XX, escreve-se a História da Igreja no Brasil adotando-se os modelos da historiografia tradicional. Estes vigoram até a década de sessenta quando a Teologia da Libertação introduziu suas teorias na análise da história da Igreja brasileira. Por

¹⁵ GRUZINSKI, Serge. **A colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol. Séculos XVI-XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

¹⁶ FREITAS, Marcos Cezar (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2001.

outro lado, as obras mais marcantes de História do Brasil, no viés tradicional, enfocavam as relações de Igreja e Estado. Religiões indígenas surgiam como curiosidades. Já as religiões dos escravos africanos eram comumente ignoradas e silenciadas pelos historiadores, apesar de no início do século XX se perceber a riqueza religiosa encontrada na sociedade brasileira, como descreveu João do Rio em *As religiões do Rio*, de 1904.

Em alguns congressos acadêmicos de historiadores, a religião comparece como um apêndice a ser tolerado. É de se notar, ainda, que algumas raras iniciativas procuram sanar esta ausência, em encontros de historiadores¹⁷. A Associação Brasileira de História das Religiões, promove anualmente seu encontro e muitas das pesquisas aí apresentadas foram, publicadas em forma de livro, pela Editora Paulinas¹⁸.

¹⁷ LIMA, Lana Lage e outros. **História da Religião**. Rio de Janeiro: Faperj: Maud, 2002.

¹⁸ GUERRIERO, Sílas org.). **O estudo das religiões: desafios contemporâneos**. São Paulo: Paulinas/ABHR, 2003. SIERPIERSSKI, D. Paulo e GIL, Benedito M (org.). **Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens**. São Paulo: Paulinas / ABHR, 2003.